

O
CARAPUCEIRO

10 DE NOVEMBRO
DE 1832



O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novère libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardare nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

IMPRESSO EM PERN. POR J. N. DE MELLO NA TYP. FID., R. DAS FLORES N. 17.—1832.

RESPOSTA A' TOLERANCIA N.º 11.

O interesse, que tomo, pelo melhoramento do meu paiz natal tirou-me pela vontade a que escrevesse este pequeno Periodico, tendo por mira a correção dos maus costumes; por que estou inteiramente convencido, que sem boa moral não há legislação, que medre, nem instituição social, que possa tirar a limpo os seus desgnios por mais bem concebidos, que elles sejam: mas nunca foi de minha intenção metter-me em polemicas; não só por que a escasez, e curtidade dos meus conhecimentos me não deixam tomar largas para poder ter as pélas a os meus contendores, mais talentosos, do que eu; senão por que huma fatal experiencia assás me tem convencido, que taes

contestações ordinariamente são parte para que fiquem de quebra Escriptores, que d'antes viviam em boa harmonia, e amizade; que essas questões degeneram quasi sempre em animosidades, em doestos reciprocos etc, visto que o amor proprio mal avisado, logo que se cre offendido, entende, que quando ganha por mal na prodigalidade dos baldões, tanto melhor leva de vencida a o seu oppositor. „ *Ne disputez jamais*; (dizia J. J. Rousseau a o seu Emilio) *car on n' eclaire par la dispute ni soi, ni les autres* „ Esta maxima he no meu entender huma das melhores, que nos deixou o Filozofa de Genebra.

Mas ella sofre suas excepções, e entendo, não deve ser abraçada, quando a pessoa, que discorda da minha humilde opinão he hum Cidã-

dao' tao' honesto, tao' instruido, e tao' attencioso, como o illustre Redactor da Tolerancia. Todavia com quanto me anime esta consideracao' para me nao' tresmalhar da disputa, desanima-me por outra parte a minha pequenez. O Carapuceiro he o Zaqueu dos Periodicos: suas ideás sao' mui' curtas, sua vista nao' se estende além do limitado horizonte dos defeitos populares. A Politica, e mórmente a Sciencia Economica he para elle o que para certos Padres he o Latim do Breviario, e mais do Missal; repetem-o todos os dias, e pouco pescão de tudo, que leem. Com tudo para ver a luz, farei por subir-me a o *sycomoro*, e justificarei, como poder, a doutrina do meu Carapuceiro N.º 25, reprovada pelo egregio Redactor da Tolerancia em o seu N.º 11: e assim como o alveitar, que tractou de huma besta de hum Medico, nao' quiz acceitar-lhe paga, dizendo, que entre colegas devia de haver reciprocidade de serviços; pesso venia para chamar Colegas a todos os Redactores d'alto cothurno.

Primeiramente devo advertir, que bem longe de andar de brigas com a Nação Franceza, eu muito a venero, respeito, e admiro; pois mal póde hum liberal (como prezo-me de ser) dissaborear-se de hum Povo, que na sua espantosa Revolucao' de 1798 deo o primeiro impulso (se bem que empecido pelo espirito Aristocratico, pelo orgulho do alto Clero, pela exaggeracao' dos principios, e sultura das paixões) e em 1830 incetou a tarefa estorvada, acontecimento memoravel, que promette dar cabo da tyrannia, e arvorar o magestoso pendão da Liberdade até sobre o palacio de

Constantinopla. Amo pois a Nação Franceza: seus sabios me espantão, sua Litteratura me arrebatã, a pezar de que nao' haverá quem acabe comigo, que eu adopte, em vez da pura, e energica lingoagem dos nossos Classicos, huma gerigonça pedantesca, mosqueada de frases Francezes, e palavras Portuguezas, de que abundão muitos Periodicos, e que só podem agradar a quem ignora o merito de escrever com pureza, correcção, e propriedade.

Vamos á questã. Eu sempre entendi, que tractados entre duas Nações, huma pequena, e ainda novel, e outra mui' grande, industriosa, e ladina, sao' verdadeiras *tractadas*, sao' a caçada do leão com os outros animaesinhos de que nos falla o judicioso Esopo: pelo que a meu ver nunca devêrao' existir semelhantes tractados de Commereio entre o innocente Brazil, e as espertissimas Inglaterra, e França. Os nossos portos estao' abertos; venhao' comprar, e vender, pagos os competentes direitos; eis quanto basta: quando nós podermos, lá iremos a os seus portos fazer o mesmo. Se esta franqueza he sufficiente para o giro commercial, do que servem esses chamados tractados? Bem se vê, que quando a França, ou a Inglaterra os deseja, nao' he para se perder; he sim para tirarem da nossa simpleza, e circumstancias as vantagens, que podem.

Supposto me mereção muita veneração as asserções do meu illustre Colega, nao' me dou por vencido em quãto me nao' indigitar quaes, e quejandas as Nações cultas, que consintao' ao Extrangeiro vender a retalho. Os Economistas, que tenho lido, to-

dos convêm, que o estado será tanto mais rico, quanto menos importar, principio, que, a meu ver, mui' bem desenvolveo o meu estimavel Colega, e amigo, o Redactor do Epaminondas em o seu N.º 2.º O bem acceito Alexandre Crevel no seu *Ensaio sobre a grande arte de governar hum Estado*, no Artigo *Ecconomia Politica* assim se exprime, „ Toda a Nação' nao' industriosa, e puramente agricula he tributaria das outras Nações: „ e logo mais adiante diz, „ O commercio estrangeiro deve sobordenar a sua extensao' ás nossas precisões. O commercio mais proveitoso he o do interior; por que a totalidade dos lucros fica no paiz, a o mesmo tempo que por aquelle a Nação' vem a repartir os seus beneficios com a outra, que permuta. „ He de baixo deste ponto de vista que eu reprovo o commercio de retalho na mao' dos Francezes, e Inglezes, os quaes depois de bem locupletados, retiraõ-se com bastante cabedal, que de certo ficaria entre nós, se só a os Brasileiros fosse dado vender por miudo.

Diz o meu respeitavel Colega, que a venda pelo grosso he muito mais proveitosa ao estrangeiro: convenho: mas o que se segue d'ahi? Que lhe deixemos por isso nao' só esse lucro; se nao' o que póde tirar do commercio de retalho? Já he hum mal o muito, que os extrãgeiros nos importaõ comparativamente a o que nós exportamos; pelo que parece dizer o meu Colega = onde vai o mais vá o menos, e carreguem tao' bem com os proveitos do retalho. = Embora a lei nos nao' prohiba, como pondera o meu Colega, o vender tao' bem por menor as mercadorias Francezas. Os indivi-

duos desta Nação' tem muito espirito de Nacionalismo; procuraõ' ajudar-se huns aos outros, fazem parede, e huma especie de monopolio; e qual o Brasileiro, que póde competir com elles? Pelo contrario se fosse prohibida a os estrangeiros a venda de retalho, só os nossos teriao' lojas d'esses perendengues, e mercadorias, e todo esse lucro ficaria entre nós. Diz o meu Colega, que essa prohibiçao' faria encarentar esses generos: mas por que? O estrangeiro, quando nos traz as suas manufacturas, e mercadorias ordinariamente he para levar em troco os nossos generos em bruto, como assucar, algodao', coirama, etc. etc.; e se elles carregao' a mao' no preço das suas mercadorias, por que nao' faremos nós o mesmo a respeito dos nossos generos? E nesse caso não há prejuizo: quanto mais que as louçainhas, e cachimbaches, de que abundao' pela mór parte as lojas Francezas, nao' sao' generos de primeira necessidade, podendo o Brazil passar muito bem (e talvez mais feliz) sem charollas de tartaruga, chamadas pentes, sem biõesinhos de banhas, e essencias de toda a laia, sem bolsinhas, lequinhos, gaitas, assobios, e bonecos.

De mais a ampliar-se o privilegio do retalho a todos os Povos, com quem negociamos, o que seria dos nossos concidadãos pobres, e dos nossos Artifices? Os Francezes já tem lojas de fazendas, e canquilharias: os Portuguezes correriao' aos bandos para porem tavernas de vinhos, paio, presunto, cebolas, etc. Os Holandezes viriao' abrir lojas de manteigas, queijos, etc., e até os Italianos teriao' suas vendas de *macarroni*,

alharines, e rabiolis. E o que fariam os nossos? Seriam reduzidos ou a especular em lojas de abanos, cuias, cabaços, colheres de pau, côcos, esteiras de pirpiri, cangalhas, e cambitos, ou teriam de jazer na ociosidade, a qual levaria muitos a especular pelas matas da Miroeira, pelo Pau secco, e por todas as estradas. Já a permissao de importar-se ropa feita, e calçado tem reduzido á ultima miseria os nossos Alfaiates, e Capateiros; e se fôra possivel entrarem pelo nosso porto gigos, ou caixões de barbas feitas, nem os nossos Barbeiros teriam em que podessem ganhar a vida. Consta-me que em Inglaterra ninguem salta com vestuario, que nao seja feito lá, e até nao se consente prata, ou ouro manufacturado em outro paiz. Fará isto o Governo Inglez por ignorar os principios da Sciencia Economica?

Concluo pois que se o Governo por huma parte deve promover o Comercio, e suas molas reduzem-se, a meu ver, a Liberdade, Instrucção, e Facilidade; por outra he muito do seu interesse, e obrigação abrir meios de subsistencia a seus subditos; por que hum Povo he tanto mais feliz, quanto menos individuos tem desocupados, calaceiros, e vadios. Eis o meu modo de pensar sobre a questao, que nos occupa: talvez esteja em erro; mas os meus sentimentos sao patrioticos.

Reflexões sobre a guerra das Panellas.

Conciderando a nenhuma força moral, as posses quasi nullas, a estupidez em fim dos chefes, ou caudilhos

dessa sedição de salteadores; não posso deixar de persuadir-me, que mãos occultas, e matreiras manejação essa desordem, e a sustentão lá para seus perversos fins. Neste Recife sim, e não pelos matos, existem alapardados os verdadeiros motores desses levantes: nós vivemos bloqueados de inimigos, graças á inconsiderada bonomia da nossa Administração Feijoina, que julgou converter, e aproveitar o columboismo, perdoando a todos, abraçando os, e conservando-os em seus empregos, etc. No Recife he que estão os *velhos da Montanha*, dos quaes os facinorosos de Panellas não são mais, do que agentes, e maquinaes executores de ordens. Quanto por em a morosidade do nosso viciamento ella procede, em meu entender, de varios motivos; como sejaõ primeiramente a extensão de matas fechadas, e escabrosas, que occupão os *taes cabanos* revoltosos, a desgraçada discordia, que me asseveraõ ter se accendido entre os Srs. Major Santiago, e Commandante Geral Carapeba, rivalidade tanto mais fêa, e vergonhosa, quanto a Patria mais carece da coadjuvação, e boa intelligencia de todos os seus filhos.

Por outra parte imprudencias, e barbaridades, que alguns Officiaes, e soldados das differentes expedições tem comettido, tornaõ essa luta em hama guerra de vinganças, e exasperação. Com magoa tenho lido, e ouvido varios insultos, roubos, e assassinatos comettidos por pessoas das nossas expedições. Onde se vio fuzilar sem nenhuma forma de processo a hum prizioneiro? Isto he Direito das Gentes de Canibaes. O homem prezo he huma pessoa sagrada; em quanto peleja eu decido da sua vida, ou elle da minha; mas logo que depoz as armas, desaparece o inimigo, e a humanidade reclama os seus direitos: elle já não he o homem da guerra, he sim o objecto da Justiça, que lhe deve impor a pena da lei. Longe, longe de nós esse despotismo das vinganças. Esses miseraveis de Panellas, supposto que muito criminosos, são nossos semelhantes, nossos concidadãos, são homens em fim; nelles obra mais a ignorancia, do que a malicia. Façamos sim todo o esforço por destruir aquelle fóco de devastações, aquelle valhacontos de absolutistas estúpidos; mas não agravemos os nossos males flagellando os pacíficos habitantes dos nossos campos; procuremos fazer lhes estimaveis, e beneficas as Instituições Liberaes; por que os Povos não sabem de theorias; e vendo que na pratica elles vivem menos tranquillos, menos abastados, menos felizes depois da Constituição, do que dantes, não curaõ de indagar motivos abstractos, naturalmente suspirão pelo passado, e qual quer emprehendedor astucioso basta para os atrair sôb as bandeiras do absolutismo, que lhes promette, ainda que falsamente, as vantagens perdidas; mais que tudo porém fuçamos, meus caros Patricios, fuçamos de desmoralizar, e barbarizar o Povo.

Pernambuco; na Typ. Fidedigna.